

estimular a solidariedade que aumenta a confiança e sentimentos de autorrealização, pelo desenvolvimento de ações em prol dos outros, famílias e comunidade.

Considero que o manual ficaria incompleto se não fosse desenvolvido o tema da segurança, abordado no penúltimo capítulo com o título Sinta-se Seguro, de Natália Duarte e Cristina Barbosa. O sentido de segurança é um imperativo humano, sendo apresentada informação relativamente a comportamentos e atitudes que promovam a segurança da pessoa idosa, com ênfase em determinantes pessoais e ambientais, caso das barreiras arquitetónicas. Nesta secção do livro, é enquadrado o tema de maus-tratos a pessoas idosas, ajudando o leitor a reconhecer possíveis sinais de maus-tratos nos contextos em que vive. É importante referir que a violência sobre os idosos não é um fenómeno novo, o reconhecimento público do abuso de idosos como um problema médico e social é que é relativamente recente e tendeu a ganhar maior visibilidade com o aumento da proporção de idosos. Um estudo levado a cabo em oito países da Europa e coordenado por uma equipa da faculdade de Medicina da Universidade do Porto liderada por Henrique Barros, detetou que, em Portugal, um em cada quatro idosos foi vítima de, pelo menos, um ato de violência ao longo do último ano e que quatro em cada dez idosos foram, em algum momento, alvo de maus-tratos físicos, psicológicos, sexuais ou financeiros durante a vida. Desta forma, o papel do profissional de saúde é crucial na identificação e tratamento dos maus-tratos, uma vez que são os serviços de saúde que recebem as pessoas idosas vítimas dessa violência.

O último capítulo, Otimize o seu Bem-estar, de Joana Portugal e Maria João Azevedo, constitui um resumo das sugestões que foram apresentadas ao longo do livro, com recomendações numa perspetiva de otimização do bem-estar da pessoa idosa sobre rastreios de saúde, um plano de

preparação para a reforma e até as opções para apoio de estrutura formal, se existirem alterações físicas e cognitivas.

Viver mais tempo é uma oportunidade para a saúde, participação e segurança, conforme as pessoas mais idosas devem ter um papel na sua própria saúde e não meros recetores passivos de cuidados e de apoios sociais. Neste sentido, o *Manual de Envelhecimento Ativo* numa linguagem acessível e clara informações práticas, como reforçar competências e como disponibilizar opções favoráveis à medida que se envelhece, exortando o leitor a se manter ativamente comprometido com a vida tirando da vida prazer, qualidade e vitalidade. Finalizo com uma citação de Marie von Ebner-Eschenbach: 'Uma pessoa permanece jovem à medida que ainda consegue aprender, adquirir hábitos e tolerar contradições'.

Patrícia Pinto

Michel Foucault. [1976-1984]. *Histoire de la Sexualité: La Volonté de Savoir*, Vol. I (1976); *L'Usage des Plaisirs*, Vol II (1984); *Le Souci de Soi*, Vol. III (1984).

É sobretudo a reconstrução, no último Foucault, de uma subjetividade forte, tão cara ao projeto da Modernidade, que nos interessa aqui valorizar, valorizando, deste modo, a *História da Sexualidade*. Até aos seus últimos trabalhos, toda a pesquisa de Foucault se tinha voltado para uma arqueologia das práticas discursivas e para uma genealogia dos dispositivos de poder que, conjuntamente, contribuíram para definir a Modernidade como a Idade do Homem. Ao tornar relevante o caráter contingente do modo de ser deste último, o pensamento de Foucault assume-se com o propósito de superação dos défices e excessos da Modernidade que tinha fundado a

decisão ética nas condições transcendentais da experiência humana. Todavia, parece-nos importante referir que existe, em toda a obra de Foucault, um fio de recorrência interna aos seus trabalhos iniciais que o conduziu, em primeiro lugar, a uma antologia histórica do próprio ser humano em relação à verdade, através da qual este se constitui em sujeito do conhecimento. Por outro lado, o ser humano constitui-se em agente moral através de processos de relações efetivas de poder, em contextos referenciáveis a determinações éticas precisas. Se as duas primeiras obras são coextensivas à Modernidade, a última remonta à Grécia Clássica para proceder a uma arqueo-genealogia das formas e modalidades da relação a si próprio, pelas quais cada indivíduo se reconhece indissociavelmente como sujeito do seu desejo e sujeito moral.

Nos seus últimos trabalhos, *História da Sexualidade I e II*, Foucault reconstituiu uma temporalidade longa ausente de todos os seus trabalhos anteriores que não remontavam a quem das roturas que, nos vários domínios, inauguraram a Modernidade. O projeto de uma história nominalista visava, justamente, a erosão do estatuto ontológico de objetos como o Homem, a Loucura, a Sexualidade, desconstruindo as representações nas quais esses 'pseudo-objetos' são dados ao discurso humanista e dispersando a racionalidade das ciências humanas, isto é, as condições transcendentais da experiência, da comunicação e da linguagem, em grelhas de saber, em práticas discursivas e em dispositivos de poder. A história nominalista surge, pois, como deslegitimadora, como ruptura das narrativas de legitimação da Modernidade que a introdução a *L'Usage des Plaisirs* pretende prosseguir. Os últimos volumes da *História da Sexualidade* não visam elaborar, neste sentido, uma história das condutas e das representações enquanto fixações históricas, antes como problematizações suscetíveis de serem reativadas historicamente, mas de

forma diferente. É por aqui que Foucault integra e desenvolve o seu viés hermenêutico. Estes últimos volumes da *História da Sexualidade* prosseguiriam, portanto, o projeto de uma contramemória iniciada na investigação genealógica anterior. O anúncio de que três domínios genealógicos eram possíveis, feito por Foucault antes da publicação de *L'Usage des Plaisirs*, contribuiria, aliás, para justificar o aparecimento deste livro (e da obra *Le Souci de Soi* que se lhe segue). São portanto possíveis três eixos de genealogia. Por outras palavras, a análise dos jogos de verdade mantém-se, segundo Foucault, no deslocamento que a genealogia efetua em relação à arqueologia, afigurando-se, porém, possível concluir que a passagem do nível das práticas discursivas para o nível das práticas não-discursivas conduz, necessariamente, a uma atenção à vida prática, isto é, ao plano ético e ao problema da decisão no quadro das tecnologias de produção dos indivíduos. Em *La Volonté de Savoir* (Vol. I), acrescentou àquela verificação arqueológica (que estudava saberes) uma análise dos dispositivos de poder que havia de permitir um repensar da subjetividade, face à injunção de verdade própria do saber. É o repensar da subjetividade que constitui o ponto cardeal de reflexão em *L'Usage des Plaisirs* (Vol. II) e *Le Souci de Soi* (Vol. III) como o seria do volume não publicado que deveria ultimar a *História da Sexualidade – Les Aveux de la Chair*. De facto, a emergência de um novo sujeito ético como resposta às interrogações contemporâneas só pode ser cabalmente compreendida, se atendermos às circunstâncias em que ocorre o deslocamento estratégico a que Foucault submeteu a fase final da sua obra. O retorno à Antiguidade clássica, momento primeiro da constituição da subjetividade em obediência a uma lei de Verdade, traduz, então, a ideia de que perante os problemas que, ao nível do pensar e do agir, são colocados pela constituição moderna da subjetividade, não só as soluções chamadas pós-modernas

(isto é, contemporâneas dos movimentos sociais) não superam a modernidade, como podem, para os mesmíssimos problemas, ser pensadas respostas pré-modernas. Ora, se, por um lado, o retorno à Antiguidade satisfaz a procura das formas e modalidades, mediante as quais o ser humano ocidental foi conduzido, durante séculos, a fazer a experiência de si próprio como sujeito de desejo e a reconhecer-se e constituir-se como sujeito ético, por outro lado, tais formas e modalidades surgem a partir das condições em que o ser humano ocidental problematiza o que ele é, o que faz e o mundo em que vive. Trata-se, agora, de ajuizar da pertinência para o tempo presente dessas 'práticas refletidas e voluntárias pelas quais os seres humanos não apenas se fixam regras de conduta, mas procuram transformar-se a si próprios, modificar-se no seu ser singular e fazer da sua vida uma obra que possua certos valores estéticos e que responda a certos critérios de estilo' (Foucault 1984: 15). Trata-se, evidentemente, das estéticas da existência que Foucault busca na Antiguidade clássica, tendo sido obrigado a remontar a ela para as poder recuperar como tais e antes que elas tivessem perdido a sua importância e autonomia, ao integrarem-se no exercício do poder pastoral, com o cristianismo, e, mais tarde, em práticas de tipo educativo, médico ou psicológico. Com elas, Foucault pretende retirar à constituição da subjetividade a sujeição transcendental, isto é, retirar ao agir a sua fundação numa teoria de conhecimento que prescreve à conduta a conformidade a uma lei de Verdade a que

cada indivíduo deve aceder mediante um esforço intelectual. A estética da existência propõe, portanto, uma nova ética; não uma ética da transgressão, mas uma ética que permita ao sujeito libertar-se das formas instituídas da experiência para *(re) criar* novas formas de vida. Sugerindo-se como possibilidade estratégica que *o eu não se aprisione a um ideal narcísico reiterador dos modos de subjetivação próprios das tecnologias modernas, antes se abra ao desprendimento e despojamento de si próprio. À individualização tecnológica que totaliza, massificando as formas de vida, Foucault opõe uma estética da criatividade de si que não se funde e, sobretudo, que não se fixe em nenhuma lei científica ou imposição moral/religiosa, não obedecendo, por isso, a qualquer prescrição universal que retire ao sujeito a sua autonomia e autoria.*

Elucidativo, a este respeito, é o que Foucault nos diz acerca do papel contemporâneo do intelectual como sendo permanentemente capaz de se desprender de si próprio. A autenticidade do intelectual não é, assim, dada pela conformidade do seu pensamento a um exterior que ele é suposto conhecer e organizar segundo leis universais, mas pelo modo como acede a reconhecer na constituição de si próprio como sujeito os limites do seu agir. É, por isso, que a *História da Sexualidade*, é quanto a nós, uma releitura obrigatória. Mas seremos nós, na qualidade de sujeitos frágeis, fraturados e fráveis capazes de tal desafio? Quero crer que sim!

Regina Tralhão Farate
Instituto Superior Miguel Torga